



9º Congresso de Pós-Graduação

A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO BRAILLE PARA A EDUCAÇÃO NA ÓTICA DE ADULTOS CEGOS

Autor(es)

ROSANA DAVANZO BATISTA

Orientador(es)

MARIA INÊS BACELAR MONTEIRO

1. Introdução

No estudo aqui apresentado parto do princípio de que o desenvolvimento humano tem sua gênese na relação social e deve ser compreendido através de um olhar que valorize sua natureza histórica e social. Segundo Dainêz (2009), Vigotsky afirma que na perspectiva histórico-cultural o desenvolvimento do homem é um processo dialético e complexo, que implica em evoluções, revoluções, crises, mudanças desiguais de funções diferentes, incrementos e transformações qualitativas de capacidades.

Vigotski (1989) diz que o homem é ao mesmo tempo um ser social e histórico, bem como produto e produtor de sua própria história e sua constituição social é estabelecida através da relação deste com o outro.

Para Boutinet (1992), na educação renasce o sujeito, autônomo, reflexivo, criativo, dotado de consciência e iniciativa e por acreditar neste tipo de educação e ter a intenção de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem e com a interação da pessoa cega com o outro, é que justifico a pertinência do uso de recursos especiais que possibilitem o intercâmbio entre ela e o meio em que vive, para tanto, acredito ser o método Braille ferramenta indispensável para a sua inserção no âmbito sócio cultural.

O estudo faz parte de um projeto maior que busca responder a questões pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem da pessoa cega. Questões como: O que pessoas cegas dizem a respeito do seu processo de alfabetização? Qual a importância do Braille na vida da pessoa cega? Qual o valor a pessoa cega atribui ao material digitalizado?

Tomo como base os estudos desenvolvidos por Vigotski, 1997 sobre Defectologia, e estudos sobre: ensino e aprendizagem da leitura e da escrita (MAGDA SOARES, 2008; MARIA DO ROSÁRIO MORATTI, 2010, etc.), a inclusão de alunos cegos (CAIADO, 2006; LAPLANE & BATISTA, 2008; NICOLAIEWSKY & CORREA, 2008; MICARELLO, 2006, etc.) e o método Braille (FONTANA, M. V. L. & VERGARA NUNES e. L., 20006; BAPTISTA, J. A. L. S, 2000, etc.).

2. Objetivos

Esse texto tem como objetivo apresentar os depoimentos de três pessoas cegas adultas com a finalidade de revelar suas percepções sobre o uso do sistema Braille para a alfabetização.

3. Desenvolvimento

A CEGUEIRA

A cegueira é considerada uma deficiência grave e pode ocorrer devido a muitas razões que frequentemente são causadas por: doenças (congenitas, infecciosas, sistêmicas, hereditárias), traumas oculares, degenerescência macular e perturbações do sistema nervoso.

Cito Vigotsky como notável estudioso sobre a cegueira e que de acordo com Góes (2002), dedicou-se a pesquisas na área da Pedagogia e da Defectologia, pois se interessava em compreender e aperfeiçoar os processos educativos.

Para Vigotski a cegueira institui uma forma peculiar de personalidade humana, isto é, “faz reanimar novas forças, altera as direções normais das funções e de maneira criadora e orgânica, refaz e forma a psique da pessoa” (VIGOTSKI, 1997, p. 5).

Lira e Schlinwein (2008) destacam que a função principal que ocupa a linguagem na concepção de Vigotski (1996) sobre o desenvolvimento psíquico gera acesso a inúmeras possibilidades para as pessoas cegas. A importância da linguagem e da experiência social tem para Vigotski um lugar central, pois através dela e da interação com o outro é que a pessoa cega pode superar suas dificuldades e ganhar a possibilidade de acesso ao conhecimento.

O BRAILLE

O método Braille foi criado na França em 1.825 por Louis Braille e a escrita consiste na combinação de seis pontos em relevo que podem ser escritos de duas formas: com reglete e punção ou com a máquina Braille.

Apesar de ser uma significativa ferramenta de inclusão, o Braille apresenta vários aspectos limitadores e entre as maiores dificuldades está o fato de que as obras são caras, pesadas e difíceis de manusear, necessita de pessoal especializado para seu ensino e nem todos os cegos sabem utilizar.

Quanto à questão do ensino especializado do Braille, a entrevistada Eulália ressalta:

“Em relação à formação e a competência docente em ensinar o método Braille, pode-se dizer que não há a necessidade de que ele faça parte do currículo do Ensino Superior, pois apenas um curso de capacitação oferecido pelas Unidades de Ensino aos professores seria suficiente para que os mesmos deixassem de se “desculpar” por não saber alfabetizar os alunos cegos.”

A entrevistada Andressa enfatiza:

“Sem o Braille eu não seria nada! Hoje não poderia ser considerada uma pessoa alfabetizada.”

A EDUCAÇÃO DA PESSOA CEGA

A escola é fonte de transmissão de conhecimento de diferentes conteúdos e culturas, propicia o aprendizado de um modo específico de relação do sujeito com o mundo, e inserida na história da educação está a educação inclusiva, que nasceu nos Estados Unidos em 1.975, e que hoje é mundialmente difundida.

Para Mrech (1998), educação inclusiva é o processo de inclusão de pessoas com deficiência ou distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino. Na escola inclusiva o processo educativo é entendido como um processo social, onde todas as pessoas deficientes têm o direito à escolarização o mais possível do normal.

A educação para o cego também significa o seu completo envolvimento e integração com um mundo globalizado, em que o tipo de comunicação que estabelecerá com esse “mundo”, deve abrangente e concisa. Mosquera (2009) explicita que o cego não vive num mundo à parte, mas que interage com o meio e precisa se sentir integrado à sociedade, sendo a alfabetização a melhor ferramenta de inclusão.

METODOLOGIA

As estratégias de investigação adotadas foram a revisão bibliográfica e entrevista presencial, por possibilitar maior interação social, onde a ênfase se coloca na compreensão de um contexto específico sob a ótica dos entrevistados.

Nas entrevistas, a partir de uma questão geral, formulada pela pesquisadora, desenvolvia-se um diálogo com os sujeitos no qual eram abordados aspectos relativos à experiência pessoal e educacional, sendo os dados registrados num gravador digital para posterior análise.

No estudo, privilegio a ótica de três pessoas cegas adultas, duas do sexo feminino e residem em Piracicaba-SP e uma do sexo masculino, que reside no Rio de Janeiro-RJ, cujos nomes são fictícios. A seleção dos sujeitos da pesquisa teve como fator comum o conhecimento e utilidade que estes fazem do método Braille e do material digitalizado.

4. Resultado e Discussão

A escrita e a leitura são os artifícios mais utilizados para a comunicação entre os homens, tanto para o vidente quanto para o cego,

sendo que para este, o Braille é a ferramenta que permite sua conexão com o universo do conhecimento e da informação. Nota-se a importância desses elementos educacionais na fala da entrevistada Eulália:

“Fiquei cega quando estava cursando o primeiro ano do ensino médio e levei três meses para aprender o Braille. Fiquei sem frequentar a escola e sem poder ler. Então quando me disseram que havia possibilidade de fazer isso com o Braille, procurei aprendê-lo o mais rápido possível.”

Com o progresso tecnológico apropriado aos recursos especiais para o cego, surgem novas possibilidades de comunicação e aprendizagem, como por exemplo, leitores de tela (Virtual Vision, DoxVox, Jaws, NVDA, etc.), livros falados, Terminal Braille, Braille notetaker entre outros, sendo que para muitos tais tecnologias são consideradas “indispensáveis” para que o cego sinta-se incluído na sociedade.

De acordo com a matéria publicada na Revista Isto É (Edição 2137, 22 Out.10) com autoria de Rodrigo Cardoso, a cega Martinha Clarete Dutra dos Santos, diretora de Políticas de Educação Especial do MEC, relata que:

...livros falados, leitores de tela e livros digitais são, no Brasil, ferramentas complementares no processo de aprendizagem do deficiente visual. “A tecnologia é um elemento de inclusão social no País”, diz. “Mas é preciso cuidado para que não haja uma “desbrailização” por conta da má utilização dessas inovações”, pontua Moysés Bauer, presidente da Organização Nacional dos Cegos do Brasil. (SANTOS, 2010)

Baptista (2000) enfatiza que os livros falados e os meios digitais são importantes para o desenvolvimento cultural dos cegos, mas nada deverá substituir o método Braille como sistema base da sua educação. Verifica-se no depoimento de Andreza que realmente a função dos meios digitais é a de apenas propagar informações, entretenimento e algumas formas de cultura:

“Penso que o computador veio para ajudar tanto os videntes quanto os cegos na aquisição de informações. O cego precisa ser alfabetizado em Braille e acho que as pessoas que porventura perderam a visão também. Tudo tem o seu valor, não posso falar que o computador veio pra tirar o Braille porque sabemos que ele ajuda muito, desde livros e até para quem faz faculdade.”

Na Convenção da Federação dos Cegos Americanos em 2010 circularam histórias de crianças que não sabiam o que era um parágrafo, que questionavam o porquê das letras maiúsculas ou o porquê da expressão “felizes para sempre” ser composta por palavras separadas. Foram prejudicadas pelo vício de somente ouvir o que um software reproduz, destaca Fredric Schroeder, vice-presidente da organização.

“Essas tecnologias são sinal de progresso?”, indaga.

Histórias que se confirmam através das palavras do entrevistado Kleber:

“Hoje se discute muito a questão de Braille x Computador, isto é, de alfabetizar-se em Braille ou alfabetizar-se usando apenas o computador, principalmente no caso das crianças que nasceram cegas. Li sobre uma pesquisa realizada que mostrava que crianças que foram alfabetizadas apenas com computador têm mais dificuldades em empregar pontuações e em compreender estrutura das frases. Acho que no geral as crianças que nasceram cegas têm que ser alfabetizadas em Braille até porque todos nós que usamos leitores de tela sabemos que cada “voz” tem uma entonação. De modo que fica complicado aprender o conjunto de cada texto que se está lendo. A pessoa já vai construindo a idéia de entonação, enfim, vai relacionando a entonação da frase com esta ou aquela pontuação conforme a “voz” do leitor, quer dizer, isso já é condicionamento, diferente da leitura em Braille.”

E também nas palavras de Andreza:

“Sempre usei o Braille e faz pouco tempo que estou usando o material digitalizado. Gosto do material digitalizado, mas prefiro Braille e o acho importantíssimo porque é palpável. No computador você só “ouve” as palavras e Braille você “lê” e dá sua a entonação. Para quem é alfabetizado, às vezes o computador acaba cansando, tem hora que você quer ler e escrever por si mesma. Existem momentos em que se quer ler um livro e usufruir o silêncio do ambiente em que está”.

Após análise dos dados, realmente nota-se que o Braille foi fundamental para o processo de alfabetização dos sujeitos pesquisados, e para estes, instrumento relevante para a realização de suas tarefas com autonomia. Quanto ao material digitalizado, concordam com as suas vantagens e se utilizam dos benefícios proporcionados, mas consideram o Braille a forma correta de alfabetização.

Deste modo, a pertinência das questões abordadas no artigo pode ser igualmente respondida por Baptista (2000), que também acredita na imprudência em se tratar o material digitalizado como meio de alfabetização, e diz ser necessário rever políticas educacionais até agora seguidas no que se refere ao ensino dos alunos cegos. Levar os jovens cegos a utilizar abusivamente meios que são complementares ao Braille, não lhes fornecer materiais de que precisam, abdicá-los a si mesmos ou às condições que o meio familiar e a sua escola lhes proporcionam, equivale a prejudicar seriamente, no dia de amanhã, as suas possibilidades de afirmação, tanto na vida profissional como nas atividades diárias e de lazer.

5. Considerações Finais

FREITAS citada por MICARELLO (2006) declara a importância atribuída à linguagem como mediadora da constituição social da consciência humana onde o sujeito se encontra imerso no social.

As percepções de adultos cegos sobre o uso do Braille e as considerações dos estudos realizados sobre a temática revelam que, ainda que os meios digitais sejam considerados significante instrumento no processo de inclusão, estes não são qualificados como meio de

alfabetização. Não possibilitam que os cegos sejam inteiramente independentes em suas funcionalidades cotidianas diante ao entendimento de importantes e diferentes manifestações da linguagem oral e escrita. Linguagem, que é a mais admirável configuração de como se comunicar com o outro.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, José Antonio Lages Salgado. **A invenção do Braille e a sua Importância na Vida dos Cegos**. Lisboa: Comissão de Braille, 2000. Disponível em: <<http://www.gesta.org>> Acesso em 20 ago. 2011.

BOUTINET, Jean Pierre. **Anthropologie du Projet**. Paris: PUF, 1992.

CARDOSO, Rodrigo. **É o fim do Braille?** São Paulo: Revista Isto é. Ed 2137, out. 2010. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/_107318E+O+FIM+DO+BRAILE> Acesso em: 20 ago. 2011.

DAINÉZ, Débora. **A inclusão escolar de crianças com deficiência mental: focalizando a noção de compensação na abordagem histórico-cultural**. Piracicaba, SP: UNIMEP, 2009. 148 p.

FONTANA, Marcus Vinícius Liessem; VERGARA NUNES, Elton Luiz. **Educação e Inclusão de Pessoas Cegas: da Escrita Braille à Internet**. Revista Fafibe online, Bebedouro, ano II, n 2, maio/2006. Disponível em <<http://www.unifafibe.com.br>> Acesso em: 28 ago. 2011.

GOES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Frizman. **Políticas e práticas de educação inclusiva**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

LIRA, Mirian Cristina Frey; SCHLINDWEIN, Luciane Maria. **A inclusão: Um olhar a partir da psicologia histórico-cultural**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, n. 75, p. 149-170, maio/ago. 2008. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> A pessoa cega e a inclusão: um olhar a partir da psicologia histórico-cultural.

MICARELLO, Hilda Aparecida Linhares da Silva. **Professores da Pré-Escola: Trabalho, saberes e processos de construção de identidade**. Rio de Janeiro: PUC - Rio, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>> Acesso em: 28 ago. 2011.

MOSQUERA, Carlos Fernando França. **Deficiência visual**. Curitiba, PR: Editora IBPEX, 2009.

MRECH, Leny M. **Escola inclusiva**. São Paulo: Revista Integração, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. In: COLE, M; STEINER, V.J; SCRIBNER, S; SOUBERMAN, E. (orgs). São Paulo: Martins Fontes, 6 ed, 2003, p.191.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de Defectologia. Obras Completas**. Tomo 5. Playa, Ciudad de La Habana: Editorial Puelo y Educación, 1989, p.336.

VYGOTSKI, L. S. **Problemas Del desarrollo de la psique** - Obras Escolgidas – v. III. (edição dirigida por Alvarez, A. e Del Rio, P.) Madri: Visor, 1995, p.11-340. (original de 1931).